

Memórias divididas e consensos hegemônicos: entre a confiscação e a recuperação

Paula Godinho, Departamento de Antropologia e IELT da FCSH/UNL

O objectivo desta comunicação é analisar os usos políticos da amnésia e da rememoração, a partir do processo de discussão em torno da memória histórica em Espanha. Toma-se como unidade de análise uma associação que se dedica à recuperação da memória dos republicanos, a Asociación de Amigos da República, de Ourense. Através do recurso a práticas de terreno durante os últimos seis anos, centradas sobretudo num conjunto de cerimónias levadas a cabo no mês de Abril, pretende interrogar-se a relação da memória histórica com as memórias colectivas, estas últimas reflectindo lugares sociais e perspectivas diferenciadas. Em conjunturas determinadas, essas memórias colectivas podem lograr tornar-se dominantes, com o acesso de novos grupos ao poder que reformulem a perspectiva em torno dos acontecimentos. Se as ideias dominantes pertencem aos grupos dominantes, num dado tempo e num dado lugar, no caso espanhol torna-se pertinente atender às conjunturas que longamente remeteram para a amnésia os vencidos, num processo que se manteve praticamente até ao início deste século. Só as memórias privadas pareciam resistir à tradição hegemónica selectiva da história espanhola contemporânea quanto à guerra civil de 1936-39. Na longa duração, a privatização das memórias havia conduzido a um desgaste do seu aspecto social, retirando-lhes a capacidade para ligar o passado e o presente. Essas memórias derrotadas, marcadas pela ucrónia ou sufocadas pelo banimento da esfera pública, não cessaram de estar confiscadas após a morte de Franco. Para muitos dos que viveram a repressão franquista, a memória está em carne viva, ainda que a Transição, como compromisso, a tenha querido banir. Esse processo não constituiu uma ruptura, mas uma continuidade, tendo permanecido silenciadas por uma construção hegemónica as memórias dos grupos que já haviam pago no passado, com a luta e com a repressão, a denegação do seu lugar.

Recentemente, a assunção de que nem todos se reviam no apagamento memorial e na remissão para o silêncio parece ter encontrado pontos de conexão com uma versão diferente do passado, merecendo atenção os usos políticos da memória.

Entre a confiscação das memórias, que remetia para a amnésia uma parte dos espanhóis, e um processo de hipermnésia, a que não é alheio o comemoracionismo, essas memórias divididas da Espanha vão reflectindo as conjunturas internas e as mudanças políticas no próprio país, num debate que ganha vivacidade nos jornais, nas associações, autarquias e universidades.

Palavras-chave: Memória Histórica; Memória Colectiva; Hegemonia; Ucrónia